

**PATRICIA
CORNWELL**

DESUMANO E DEGRADANTE

Tradução

LUIZ DILERMANDO DE CASTELLO CRUZ

**PA
RA
19
19**

Copyright © 2013 by Patricia Daniels Cornwell

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Cruel & Unusual

CAPA Milena Galli

FOTO DE CAPA Mari Juliano

PREPARAÇÃO Fábio Ribeiro de Oliveira

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cornwell, Patricia

Desumano e degradante / Patricia Cornwell ; tradução Luiz Dilermando de Castello Cruz. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: Cruel & Unusual.
ISBN 978-85-65530-41-5

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

13-07546

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

Prólogo

(Meditação do condenado da Rua Spring)

Faltam duas semanas para o Natal. Faltam quatro dias para o nada. Deitado na cama de ferro, olho meus pés sujos e a privada branca sem tábua, e quando vejo as baratas se arrastando pelo chão já não pulo. Olho-as do mesmo jeito que me olham.

Fecho os olhos, respiro lentamente.

Lembro-me de colher feno debaixo do sol e de não receber pagamento nenhum, em comparação com o modo como os brancos vivem. Sonho com torrar amendoins numa lata e comer tomates como maçãs na época certa. Imagino-me dirigindo o caminhão, suor escorrendo pelo rosto, naquele lugar sem futuro que eu tinha jurado abandonar.

Não posso usar a latrina, assoar o nariz ou fumar sem que os guardas tomem nota. Não há relógio. Nunca sei que horas são. Abro os olhos e vejo uma parede branca e infinita. O que deve pensar um homem a ponto de ser despachado?

Como uma canção triste, triste. Não sei a letra. Não consigo lembrar. Dizem que foi em setembro, quando o céu parecia um ovo de pintarroxo e as folhas em fogo caíam pelo chão. Dizem que havia uma fera solta na cidade. Agora há um som a menos.

Matando-me não matarão a fera. A escuridão é sua amiga, a carne e o sangue seu festim. Quando você acha que pode parar de procurar, é justamente quando você deve começar a procurar, meu irmão.

Um pecado leva a outro.

Ronnie Joe Waddell

1

Na segunda-feira em que andei com a meditação de Ronnie Joe Waddell em minha caderneta, nem vi o sol. Ainda estava escuro quando fui para o trabalho de manhã. Estava escuro de novo quando voltei para casa. Gotinhas de chuva apareciam na luz dos faróis, a noite estava fechada de neblina e o frio, cortante.

Acendi a lareira em minha sala de visitas e pensei numa fazenda da Virgínia com tomates amadurecendo ao sol. Imaginei um jovem negro na cabine quente de um caminhão e me perguntei se o homicídio já andaria em sua cabeça. A meditação de Waddell fora publicada no *Richmond Times-Dispatch* e eu guardara o recorte para juntá-lo a seu robusto pron-tuário. Mas o trabalho do dia tinha me distraído, e a meditação ficara na caderneta. Eu a lera várias vezes. Pensei que sempre me intrigaria com o fato de poesia e crueldade poderem habitar o mesmo coração.

Nas horas seguintes paguei algumas contas e escrevi cartões de Natal com a televisão ligada sem som. Quando havia uma execução marcada eu, como o resto dos cidadãos da Virgínia, procurava saber, por intermédio dos meios de comunicação, se todos os recursos haviam sido esgotados e se o governador concedera ou não o indulto. Dependendo das notícias, ia dormir ou ia para o necrotério.

Eram quase dez da noite quando o telefone tocou. Atendi, esperando que fosse o subchefe ou algum outro membro de minha equipe que, como eu, estivesse de plantão.

Uma voz de homem, que não reconheci, falou: “Alô. Estou tentando falar com Kay Scarpetta. É... a legista chefe, doutora Scarpetta?”.

“Isso mesmo”, respondi.

“Ótimo. Aqui é o detetive Joe Trent, do condado de Henrico. Encontrei seu número no catálogo. Desculpe incomodá-la em casa.”

Parecia ansioso.

“Temos um caso aqui e realmente precisamos de sua ajuda.”

Olhando tensa para a tv, perguntei: “Qual é o problema?”. Era um intervalo comercial. Esperei não ter de ir ao local de alguma ocorrência.

“No começo da noite de hoje um menino de treze anos, branco, foi sequestrado ao sair de um mercado em Northside. Deram um tiro na cabeça dele e talvez haja crimes sexuais envolvidos.”

Meu ânimo desabou enquanto eu procurava papel e caneta.

“Onde está o corpo?”

“Foi encontrado atrás de uma mercearia na avenida Patterson, aqui no condado. Quer dizer, ele não está morto. Está desacordado, mas por enquanto não dá para saber se vai sobreviver. Como não está morto, sei que não é de sua competência. Mas ele está com ferimentos bem estranhos. Nunca vi coisa igual. Sei que a senhora vê muitos tipos diferentes de ferimentos. Tenho a esperança de que tenha alguma ideia de como os dele foram feitos, e por quê.”

“Descreva para mim.”

“São em duas regiões. Uma é do lado de dentro da coxa, sabe, lá em cima, perto da virilha. A outra é na região do ombro direito. Estão faltando pedaços de carne — que foram cortados fora. E há uns cortes e arranhões estranhos na borda dos ferimentos. Ele está no posto médico de Henrico.”

“Vocês acharam o tecido extirpado?” Meu pensamento percorria outros casos, procurando algo parecido.

“Até agora não. Temos homens procurando no local. Mas talvez a agressão tenha ocorrido dentro de um carro.”

“Carro de quem?”

“Do agressor. O estacionamento da mercearia onde o garoto foi encontrado fica a uns cinco ou seis quilômetros do mercado onde ele foi visto pela última vez. Estou achando que ele entrou no carro de alguém; talvez tenha sido forçado.”

“O senhor tirou fotografias dos ferimentos antes que os médicos começassem a cuidar dele?”

“Tirei. Mas não servem para grande coisa. Por causa da quantidade de pele que está faltando, vai ser preciso fazer enxertos — enxertos *totais*, dizem eles, não sei se a senhora entende.”

Eu entendia que tinham limpado os ferimentos, que estavam dando antibiótico na veia e que iriam fazer um enxerto glúteo. Se, porém, não fosse esse o caso e tivessem destruído o tecido ao redor das feridas para suturá-las, então não sobraria muito que eu pudesse ver.

“Costuraram os ferimentos?”

“Não que eu saiba.”

“O senhor quer que eu dê uma olhada?”

“Seria ótimo”, disse ele, aliviado. “Quem sabe a senhora consegue entender aqueles ferimentos.”

“Quando o senhor quer que eu faça isso?”

“Pode ser amanhã?”

“Está bem. A que horas? Quanto mais cedo, melhor.”

“Oito horas? Encontro a senhora na porta da enfermaria.”

“Combinado.”

O locutor me olhava, sério. Levantei, peguei o controle remoto e aumentei o som.

“... Eugenia? Você pode nos dizer se há alguma novidade do governador?”

A câmera focalizou a Penitenciária Estadual da Virgínia, onde os piores criminosos do estado eram estocados, havia vinte anos, ao longo de um trecho pedregoso do rio James, nos limites do centro da cidade. Manifestantes com cartazes e entusiastas da pena de morte juntavam-se no escuro, rostos grosseiros sob as luzes da televisão. Ver gente rindo me deu arrepios. Na tela apareceu uma repórter bonitinha, vestindo um casaco vermelho:

“Como você sabe, Bill, ontem foi instalada uma linha telefônica entre o gabinete do governador Norring e a penitenciária. Nenhuma palavra ainda, o que é grave. Historicamente, quando o governador não quer intervir, fica silencioso.”

“Como estão as coisas por aí? Tudo relativamente tranquilo até agora?”

“Até agora sim, Bill. Eu diria que há centenas de pessoas em vigília aqui. Claro, a própria penitenciária está praticamente vazia. Quase todos os presidiários já foram transferidos para as novas instalações de Greenville.”

Desliguei a televisão e minutos depois estava ao volante do meu car-

ro, avançando para leste de portas trancadas e rádio ligado. O cansaço me tomava, como uma anestesia. Sentia-me zozza e pesada. Detestava execuções. Detestava esperar que alguém morresse para, em seguida, cortar com o bisturi carne quente como a minha. Era uma médica formada em direito. Tinha aprendido o que dava e o que tirava a vida, o que era certo e o que era errado. Depois, a experiência tinha se tornado meu guia, limpando os pés naquela minha parte inocente que era idealista e analítica. É desanimador quando uma pessoa que pensa é forçada a admitir que muitos clichês são verdadeiros. Não há justiça nesta Terra. Nada jamais apagaria o que Ronnie Joe Waddell havia feito.

Ele tinha ficado nove anos no corredor da morte. Eu não examinara sua vítima, assassinada antes de eu ser nomeada médica-legista chefe da Virgínia e ir morar em Richmond. Mas tinha recebido os laudos. Estava a par de todos os pormenores brutais. Na manhã de 4 de setembro, doze anos atrás, Robyn Naismith faltara, por doença, ao trabalho no canal 8, onde era comentarista. Saíra para comprar remédios para gripe e voltara para casa. No dia seguinte, seu cadáver nu e com sinais de violência fora encontrado na sala de visitas de sua casa, sentado no chão, com as costas apoiadas na tv. Um polegar marcado a sangue no armarinho de remédios fora identificado mais tarde como sendo o de Ronnie Joe Waddell.

Havia vários automóveis estacionados perto do necrotério quando cheguei. O subchefe, Fielding; já estava lá. Lá estavam também o administrador, Ben Stevens, e a superintendente do necrotério, Susan Story. A porta de entrada estava aberta, as luzes internas iluminavam frouxamente o asfalto do lado de fora; um policial fumava, sentado em seu carro, e se levantou quando estacionei. Perguntei-lhe: “Não tem perigo deixar a porta aberta?”.

Era um homem alto e magro, de cabelo branco e abundante. Embora tivesse falado com ele muitas vezes, eu não conseguia lembrar seu nome.

“Por enquanto parece o.k., doutora Scarpetta”, disse ele, fechando o zíper da pesada jaqueta de náilon. “Não vi desordeiro nenhum por aqui. Mas assim que o rabeção chegar, fecho a porta e tomo providências para que fique fechada.”

“Muito bem. Contanto que o senhor fique aqui o tempo todo.”

“Sim, senhora. Pode ficar tranquila. E se houver algum problema, a gente pede um reforço. Parece que há muitos manifestantes. Imagino que a senhora leu no jornal sobre a petição que aquele pessoal todo assinou e entregou ao governador. E hoje ouvi dizer que tem até uns santinhos da Califórnia que começaram uma greve de fome.”

Olhei o estacionamento vazio e o outro lado da rua. Um carro passou em alta velocidade, cantando os pneus no asfalto molhado. As luzes da rua eram manchas na neblina.

“Eu não. Pelo Waddell não perdia nem um intervalo para o café.” O policial cobriu o isqueiro com a mão e começou a soltar baforadas. “Depois do que ele fez com aquela moça! Me lembro dela na tv. Olha, gosto de minhas mulheres do jeito que gosto do café — doce e claro. Mas tenho de admitir que ela era a negrinha mais linda que já vi.”

Eu tinha parado de fumar havia pouco mais de dois meses, e ainda ficava alucinada quando via alguém fumando.

“Meu Deus, deve fazer quase dez anos”, continuou ele. “Mas nunca vou esquecer a reação. Um dos piores casos que já tivemos por aqui. Parecia que um urso tinha agarrado...”

Interrompi-o: “Qualquer coisa o senhor me avisa?”.

“Sim, senhora. Vão me avisar pelo rádio e eu lhe digo.”

Voltou para o automóvel. Dentro do necrotério a luz fluorescente dissolvia as cores do corredor, embebido do cheiro de desinfetante. Passei pela saleta onde as casas funerárias registravam os corpos, depois pela sala de raio X e, finalmente, pela geladeira, que na verdade era uma grande sala refrigerada por aparelhos duplos e equipada com duas pesadas portas de aço. A sala de autópsia estava iluminada, com as mesas de aço inoxidável brilhantemente polidas. Susan estava afiando uma faca comprida e Fielding pondo rótulos em tubos com sangue. Ambos pareciam tão cansados e desanimados quanto eu.

“O Ben está lá em cima na biblioteca assistindo tv”, falou Fielding. “Se houver alguma novidade, ele conta para a gente.”

“Será que esse cara tinha Aids?” Susan se referia a Waddell como se ele já tivesse morrido.

“Não sei”, eu disse. “Vamos trabalhar com luvas duplas, tomar as precauções de sempre.”

“Se ele tinha alguma coisa, espero que nos digam”, insistiu ela. “Você sabe que não confio neles quando nos mandam esses presos. Acho que eles não se preocupam com a questão de eles serem soropositivos porque não é problema deles. Não são eles que fazem a autópsia, que se preocupam com a picada das agulhas.”

Susan tinha ficado cada vez mais paranoica com os riscos profissionais, como exposição a radiações, produtos químicos e doenças. Eu não podia culpá-la. Estava grávida de alguns meses, embora quase não parecesse.

Enfiei um avental de plástico, voltei para o vestiário e pus o uniforme, cobri os sapatos e apanhei dois pares de luvas. Inspecionei o carrinho cirúrgico encostado à mesa 3. Por toda parte havia etiquetas com o nome *Waddell*, a data e um número de autópsia. Se no último minuto o governador Norring interviesse, os tubos e caixas rotulados iriam para o lixo. Ronnie Waddell seria excluído do registro do necrotério e seu número de autópsia atribuído a quem viesse em seguida.

Às onze da noite Ben Stevens desceu e balançou a cabeça. Todos olhamos para o relógio. Ninguém falou. Os minutos passavam.

O policial entrou com um rádio portátil na mão. Finalmente me lembrei do nome dele: Rankin.

“Declarado morto às onze e cinco. Em mais ou menos quinze minutos eles estarão aqui”, disse.

A ambulância soltou um sinal sonoro enquanto estacionava em marcha à ré na entrada e, quando suas portas traseiras se abriram, vários guardas do Departamento de Execuções Penais pularam para fora para controlar um pequeno tumulto. Quatro deles retiraram a maca com o corpo de Ronnie Waddell e a carregaram rampa acima para dentro do necrotério — metais tinindo, pés se arrastando e todos nós saindo do caminho. Baixando a maca até o chão de ladrilhos sem pensar em desdobrar as pernas, eles a empurraram como um trenó com rodas, com seu passageiro amarrado e coberto por um lençol sujo de sangue.

“Sangue pelo nariz”, explicou um dos guardas antes que eu perguntasse.

Verificando que as mãos enluvadas do guarda estavam sujas de sangue, perguntei: “Quem sangrou pelo nariz?”.

“O senhor Waddell.”

“Na ambulância?” Estranhei, pois quando fora embarcado na ambulância Waddell devia estar sem pressão sanguínea.

Mas o guarda estava preocupado com outros assuntos e não obtive resposta. Teria de esperar.

Transferimos o corpo para a bandeja colocada em cima da balança. Mãos apressadas soltaram as correias e abriram o lençol de qualquer jeito. A porta da sala de autópsia se fechou silenciosamente enquanto os guardas do Departamento de Execuções Penais partiam tão precipitadamente quanto tinham surgido.

Waddell estava morto havia exatamente vinte e dois minutos. Eu podia sentir o cheiro de seu suor e de seus pés sujos e descalços, bem como o odor de carne chamuscada. A perna direita da calça estava arregaçada até acima do joelho, e a barriga da perna envolta em gaze, aplicada às queimaduras já depois da morte. Um homem grande e forte. Os jornais o chamavam *bom gigante*, o *poético* Ronnie dos olhos generosos. E no entanto houvera um tempo em que ele usara aquelas mãos grandes e aqueles ombros e braços sólidos para arrancar a vida de outro ser humano.

Abri o velcro de sua camisa jeans azul-clara e vasculhei os bolsos enquanto o despia. A busca de objetos pessoais é uma formalidade geralmente inútil. Os presos não podem levar nada para a cadeira elétrica e fiquei muito espantada quando descobri no bolso de trás da calça dele algo que parecia uma carta. O envelope não fora aberto. Em letras graúdas, de imprensa, estava escrito:

MUITO CONFIDENCIAL. FAVOR ENTERRAR COMIGO!!!

“Faça uma cópia do envelope e de tudo o que há dentro e entregue os originais com os objetos pessoais dele”, eu disse, passando o envelope a Fielding. Ele o prendeu numa tabuleta, embaixo da ficha da autópsia, enquanto murmurava: “Meu Deus. É maior do que eu”.

“É difícil alguém ser maior do que você”, disse Susan ao subchefe, um halterofilista.

“Ainda bem que não faz muito tempo que ele morreu. Senão íamos precisar de talhadeiras”, acrescentou.

Horas depois de mortas, as pessoas musculosas ficam pouco cooperativas, como estátuas de mármore. A rigidez ainda não havia começado. Waddell estava tão flexível quanto em vida. Parecia dormir.

Foi preciso juntarmo-nos todos para deitá-lo de barriga para baixo na mesa de autópsia. Pesava cento e dezessete quilos. Seus pés ultrapassavam a mesa. Eu estava medindo as queimaduras quando a campainha da porta tocou. Susan foi ver quem era e em seguida o tenente Pete Marino entrou, com sua capa impermeável aberta e o cinto arrastando pelo chão de ladrilhos.

“A queimadura na barriga da perna mede dez e dezesseis por dois e cinquenta e quatro e zero e sessenta e três por seis e um. Está seca, contraída e empolada”, ditei para Fielding.

Marino acendeu um cigarro. “Estão fazendo um carnaval por causa da hemorragia”, disse ele. Parecia agitado.

“A temperatura retal é de quarenta às onze e quatro”, disse Susan enquanto retirava o termômetro químico.

“Você sabe por que o rosto dele estava sangrando?”, perguntou Marino.

“Um dos guardas disse que foi sangue pelo nariz”, respondi, acrescentando: “Temos de virá-lo”.

“Você viu isto, na parte interna do braço esquerdo?” Susan chamou minha atenção para uma esfoladura.

Examinei com uma lente sob luz forte. “Não sei, talvez seja devido a uma das correias.”

“No braço direito também tem.”

Dei uma olhada enquanto Marino olhava para mim e fumava. Viramos o corpo, enfiando um calço por baixo dos ombros. A narina direita pingava sangue. O crânio e o queixo tinham sido raspados mal e mal. Fiz a incisão em Y.

“Pode haver escoriações aqui”, disse Susan, olhando a língua.

“Puxe para fora.” Enfie o termômetro no fígado.

“Meu Deus”, sussurrou Marino.

Susan tinha ajustado o escarpelo. “Agora?”

“Não. Primeiro fotografe as queimaduras em volta da cabeça. Vamos ter de medi-las. Depois retire a língua.”

“Merda”, queixou-se ela. “Quem usou a câmera pela última vez?”

“Desculpe”, disse Fielding. “Não tinha filme na bobina. Esqueci. Aliás, manter a bobina carregada é sua obrigação.”

“Você já ajudaria se avisasse quando o filme termina.”

“Dizem que as mulheres têm intuição. Achei que não precisava avisá-la.”

“Tomei as medidas das queimaduras em volta da cabeça”, informou Susan, ignorando a observação.

“Está bem.”

Susan forneceu as medidas e começou a trabalhar na língua.

Marino recuou. “Meu Deus”, disse de novo. “Isso sempre me deixa arrepiado.”

“A temperatura do fígado é quarenta e meio”, relatei a Fielding.

Dei uma olhada no relógio. Fazia uma hora que Waddell tinha morrido. Não tinha esfriado muito. Era grande. A eletrocussão esquentava. A temperatura do cérebro de homens menores que autopsiei chegava a quarenta e três. A barriga da perna direita de Waddell tinha pelo menos aquela temperatura, quente ao toque e com o músculo totalmente rijo.

“Pequena escoriação na borda, nada importante”, mostrou Susan.

Marino perguntou: “Ele mordeu a língua com força suficiente para sangrar tanto?”.

“Não”, eu disse.

“É, já estão fazendo um carnaval com isso.” Elevou a voz: “Pensei que gostaria de saber”.

Parei, pousando o escalpelo na beira da mesa, e uma ideia me ocorreu. “Você foi uma das testemunhas.”

“Sim, eu disse pra você que seria.”

Todos olharam para ele.

“A situação está ficando feia lá fora”, disse. “Não quero que ninguém saia daqui sozinho.”

Susan perguntou: “Feia como?”.

“Um bando de malucos religiosos está na rua Spring desde hoje de manhã. Acabaram sabendo da hemorragia e, quando a ambulância chegou, começaram a vir para cá como um bando de assombrações.”

Fielding quis saber: “Você viu quando ele começou a sangrar?”.

“Vi. Fritaram ele duas vezes. Da primeira, ouviu-se um apito alto, como vapor saindo de um radiador, e o sangue começou a vazar da máscara. Estão dizendo que talvez a cadeira tenha funcionado mal.”

Susan ligou a serrinha elétrica e ninguém tentou dominar o zumbido alto enquanto ela cortava um osso do crânio. Continuei examinando os órgãos. O coração estava bom; as coronárias, magníficas. Quando a serrinha parou, recomecei a ditar para Fielding.

“Peso?”, ele perguntou.

“O coração pesa dois e quarenta e tem uma aderência no lóbulo superior esquerdo do arco aórtico. Encontrei até quatro paratireoides, não sei se você já viu.”

“Vi.”

Pus o estômago na tábua de cortar. “Está quase tubular.” Fielding chegou perto para examinar: “Você tem certeza? É estranho. Um cara desse tamanho precisa de quatro mil calorias por dia no mínimo”.

“Que ele não estava recebendo, não ultimamente”, eu disse. “Nenhum resíduo gástrico. O estômago está absolutamente vazio e limpo.”

Marino me perguntou: “Ele não comeu a última refeição?”

“Parece que não.”

“É comum isso?”

“É”, eu disse. “É comum.”

À uma hora tínhamos terminado e seguimos os serventes da casa funerária até a entrada, onde o rabeção esperava. Quando saímos do edifício, vimos luzes vermelhas e azuis pulsando na escuridão. A estática dos rádios corria pelo ar frio e úmido, motores roncavam, e atrás da cerca de arame que circundava o estacionamento havia um anel de fogo. Homens, mulheres e crianças estavam silenciosamente de pé, rostos bruxuleantes à luz das velas.

Os serventes não perderam tempo. Enfiaram o corpo de Waddell pela parte de trás do rabeção e bateram a porta.

Alguém disse algo que não entendi e subitamente velas choveram por cima da cerca e aterrissaram suavemente no calçamento. Marino exclamou: “Gracinhas!”.

Pavios laranja brilharam e chamas pequenas salpicaram o asfalto. O rabeção começou a passar pelo portão, depressa e de ré. Foguetes foram

disparados. Reparei no furgão de reportagem do canal 8 parado na rua Principal. Alguém corria pela calçada. Homens uniformizados apagavam as velas, avançavam para a cerca e mandavam que todo mundo esvaziasse a área.

Um policial disse: “Não queremos problemas. Só se algum de vocês quiser passar a noite em cana...”.

“Açougueiros!”, berrou uma mulher.

Outras vozes se juntaram à dela e várias mãos agarraram e sacudiram a cerca.

Marino me empurrou para o automóvel.

Um estribilho se elevou com intensidade tribal: “*Açougueiros, açougueiros, açougueiros...*”.

Me atrapalhei com as chaves, deixei-as cair no asfalto, peguei-as do chão e consegui encontrar a certa.

“Vou acompanhar você até em casa”, disse Marino.

Liguei o aquecimento mas continuei com frio. Examinei duas vezes as portas para ver se estavam trancadas. A noite ficou com um ar fantástico, com uma assimetria estranha de janelas acesas e apagadas, e nos cantos de meus olhos sombras moviam-se.

Como eu não tinha bourbon, bebemos uísque em minha cozinha.

“Não sei como você aguenta esse troço”, disse Marino num tom grosseiro.

“Escolha alguma outra coisa aí no bar”, falei.

“Eu aguento.”

Eu não sabia como entrar no assunto e era óbvio que Marino não facilitaria a tarefa. Estava nervoso, de rosto congestionado. Na cabeça suada, onde a calvície ia avançando, os fios grisalhos estavam desgrenhados, e ele fumava sem parar.

Perguntei: “Você já assistiu a uma execução?”.

“Nunca tive vontade.”

“Mas dessa vez você se apresentou. Quer dizer que a vontade deve ter sido forte.”

“Aposto que se você botar limão e soda isto aqui melhora.”

“Se você quer que eu estrague um uísque bom, será um prazer ver o que posso fazer.”

Ele me estendeu o copo e fui até a geladeira. Procurei nas prateleiras. “Tenho suco de lima em garrafa mas não tenho limão.”

“Serve.”

Pus o suco de lima no copo e acrescentei uma Schweppes. Sem pensar na estranha mistura que estava ingerindo, ele disse: “Talvez você tenha esquecido, mas o caso Robyn Naismith era meu. Meu e do Sonny Jones”.

“Eu não morava aqui naquela época.”

“Ah, é. Engraçado, parece que você sempre morou aqui. Mas você sabe o que aconteceu, não sabe?”

Quando Robyn Naismith foi assassinada, eu era legista subchefe do condado de Dade. Eu me lembrava de ter seguido o caso na imprensa e depois de ter visto uma apresentação de slides a respeito num encontro nacional. A ex-miss Virgínia era de uma beleza estonteante com uma maravilhosa voz de contralto. Falava bem e prendia a atenção diante das câmeras. Tinha só vinte e sete anos.

A defesa alegara que a intenção de Ronnie Waddell havia sido roubar e que o azar de Robyn fora ter voltado da farmácia de repente. Waddell não teria o hábito de assistir televisão e, enquanto revirava a casa e torturava Robyn, não sabia de quem se tratava nem o que podia acontecer com ela. Segundo a defesa, estava tão drogado que nem sabia o que fazia. Os jurados rejeitaram a alegação de privação de sentidos e o condenaram à morte.

“Sei que foi feito um grande esforço para agarrar o assassino”, eu disse.

“Inacreditável. Tínhamos aquela impressão digital. Tínhamos as marcas de dentes. Tínhamos três caras vasculhando os arquivos de manhã, de tarde e de noite. Não tenho ideia de quanto tempo perdi na porra desse caso. E aí agarramos o merda do cara porque ele estava na Carolina do Norte dirigindo um carro com licença vencida.” Fez uma pausa e acrescentou com dureza no olhar: “Claro que aí o Jones não estava mais. Foi uma pena ele não ver o Waddell receber o merecido”.

“Você acha que o Waddell foi culpado pelo que aconteceu ao Sonny Jones?”

“Que é que você acha?”

“Você era amigo íntimo dele.”

“Trabalhávamos juntos na seção de homicídios, pescávamos juntos, estávamos na mesma equipe de boliche.”

“Sei que a morte dele foi dura para você.”

“É, o caso o desgastou. Trabalhando o tempo todo, sem dormir, sem ir para casa, e é claro que isso não ajudou com a mulher. Vivia me dizendo que não aguentava mais, e chegou um momento em que já não me dizia mais nada. Uma noite ele decidiu dar um tiro nos cornos.”

“Pena. Mas tenho certeza de que você não pode culpar o Waddell por isso.”

“Eu tinha de acertar minhas contas com ele.”

“E ajustou quando assistiu à execução?”

Marino não respondeu. Ficou olhando carrancudo para as paredes da cozinha. Fiquei observando enquanto ele fumava e acabava com a bebida. “Pode me dar mais um pouco?”

“Claro.”

Levantei, servi-o de novo e pensei nas injustiças e perdas que o tinham deixado assim. Ele sobrevivera a uma infância pobre e sem amor na pior parte de New Jersey e criara uma desconfiança básica em relação a qualquer pessoa cuja sorte tivesse sido melhor que a sua. Fazia pouco tempo que sua mulher o deixara depois de trinta anos de casamento; tinha um filho a respeito do qual ninguém parecia saber coisa nenhuma. A despeito de sua lealdade à lei e à ordem e de seu excelente prontuário profissional, não estava em seu código genético dar-se bem com os chefes. Aparentemente, sua trajetória de vida havia sido uma estrada árdua. Eu tinha a impressão de que o que ele queria era obter compensações na vida, e não sabedoria ou paz. Marino estava sempre irritado com alguma coisa.

Quando voltei à mesa, ele disse: “Deixe-lhe perguntar uma coisa, doutora. Como você se sentiria se eles encontrassem os bostas que mataram o Mark?”

A pergunta me pegou desprevenida. Não queria pensar naqueles homens.

Ele prosseguiu: “Não tem uma parte sua que gostaria de ver os mer-

das enforcados? Uma parte sua não gostaria de ir para o pelotão de fuzilamento só para puxar pessoalmente o gatilho?”.

Mark morrera porque alguém pusera uma bomba numa lata de lixo na estação Vitória, em Londres, que explodiu quando ele estava passando. O choque e a dor me haviam deixado além do desejo de vingança.

“Seria tolice imaginar que eu pudesse punir um grupo de terroristas.”

Marino me olhou com intensidade. “Essa é uma de suas famosas desculpas frias. Se você pudesse, faria a autópsia grátis. De preferência com eles vivos, para cortar bem devagarinho. Já lhe contei o que aconteceu com a família de Robyn Naismith?”

Agarrei o copo.

“O pai dela era médico na Virgínia do Norte, um homem bom mesmo. Mais ou menos seis meses depois do julgamento, ficou com câncer e morreu em dois meses. Robyn era filha única. A mãe foi para o Texas, sofreu um acidente de carro e agora está numa cadeira de rodas, vivendo de lembranças. Waddell matou a família toda. O cara envenenou a vida de todo mundo.”

Pensei em Waddell crescendo na fazenda, as imagens de sua meditação me passaram pelo espírito. Imaginei-o sentado nos degraus da varanda comendo um tomate com gosto de sol. Cismei no que lhe teria passado pela cabeça no último segundo de vida. Perguntei-me se havia rezado.

Marino puxou um cigarro. Estava pensando em ir embora. Perguntei: “Você conhece um detetive chamado Trent, de Henrico?”.

“Joe Trent. Era da divisão K-9 e foi transferido para a divisão de investigação quando o promoveram a sargento, faz uns dois meses. É meio nervosinho, mas é boa gente.”

“Ele me telefonou para falar de um garoto...”

Marino me interrompeu: “Eddie Heath?”.

“O nome eu não sei.”

“Um garoto de mais ou menos treze anos, branco. Estamos trabalhando no caso. O Lucky’s é aqui na cidade.”

“Que Lucky’s?”

Marino franziu a testa. “O mercado onde ele foi visto pela última vez. Fica na zona norte, perto da avenida Chamberlayne. O que o Trent

queria? Sabendo que o garoto não ia conseguir se salvar, resolveu marcar antecipadamente uma autópsia com você?”

“Ele quer que eu olhe uns ferimentos esquisitos, umas mutilações.”

“Meu Deus. Detesto quando pegam crianças.” Marino empurrou a cadeira e esfregou a testa. “Putá merda. Nem bem a gente termina com um cara desses e já aparece outro.”

Depois que Marino foi embora, me instalei perto da lareira da sala de visitas e fiquei olhando a dança dos carvões. Estava cansada, sentia uma tristeza sombria e implacável da qual não conseguia me livrar. A morte de Mark havia deixado minha alma partida. Eu tinha compreendido, incrivelmente, até que ponto minha identidade estava ligada a meu amor por ele.

Eu o havia visto pela última vez no dia em que ele viajara para Londres. Tínhamos conseguido almoçar rapidamente antes de ele ir para o aeroporto Dulles. O que eu lembrava mais claramente de nossa última hora juntos era nós dois olhando para os relógios enquanto se formavam nuvens de tempestade e a chuva começava a bater na janela ao lado de nossa mesa. Ele estava com uma marquinha no queixo, no lugar onde tinha se cortado fazendo a barba; mais tarde, quando via seu rosto em pensamento, reparava na marca e aquilo acabava comigo.

Mark morreu em fevereiro, quando a guerra no golfo Pérsico chegou ao fim. Decidida a vencer a dor, vendi minha casa e fui morar em outro bairro. Só consegui arrancar minhas raízes, sem verdadeiramente ir a lugar nenhum, e perdi as plantas e os vizinhos que me amparavam. Com a decoração da casa nova e o projeto do jardim, minha angústia só aumentara. Tudo o que eu fazia me levava a digressões para as quais não tinha tempo. Eu imaginava Mark balançando a cabeça, sorrindo e dizendo: “Mas uma pessoa tão lógica...”.

Algumas noites, quando eu não conseguia dormir, perguntava a ele em pensamento: *E você, o que faria? Porra, o que você faria se estivesse aqui em meu lugar?*

Voltei à cozinha, lavei o copo e fui até o escritório verificar os recados na secretária eletrônica. Vários repórteres tinham telefonado, além

de minha mãe e minha sobrinha Lucy. Em outras três mensagens a pessoa desligava.

Eu teria adorado não constar da lista telefônica, mas não era possível. A polícia, os procuradores da Justiça e mais ou menos quatrocentos médicos-legistas credenciados em todo o estado tinham razões legítimas para ter de me encontrar a qualquer momento. Para compensar a perda da privacidade, eu usava a secretária eletrônica para selecionar os telefonemas. Pessoas que deixassem mensagens ameaçadoras ou obscenas corriam o risco de serem identificadas graças ao aparelho.

Apertei a tecla de identificação dos telefonemas e comecei a ler os números que apareciam no visor. Quando encontrei as três ligações que estava procurando, fiquei abalada e perplexa. O número já se tornara familiar. Na última semana ele aparecera muitas vezes no visor, sempre com a pessoa que havia dado o telefonema pondo o fone de volta no gancho sem dizer nada. Uma vez eu tinha ligado para aquele número para ver quem atendia, mas só ouvira um som agudo de aparelho de fax ou modem. Não sei por que aquele ser ou coisa ligara para meu número três vezes entre as dez e meia e as onze da noite, enquanto eu estava no necrotério esperando pelo corpo de Waddell. Não fazia sentido. Vendas telefônicas por computador não ocorreriam com aquela frequência e tão tarde da noite, e se algum modem tentando alcançar outro estivesse dando em meu telefone, alguém forçosamente teria entendido que seu computador estava discando um número errado.

Nas poucas horas de madrugada que restavam, acordei muitas vezes. Todo estalo ou ruído na casa acelerava meu pulso. As luzes rubras do quadro de controle do alarme contra ladrões brilhavam ameaçadoras diante de minha cama, e sempre que eu me virava ou arrumava as cobertas os detectores de movimento, que eu não costumava ligar quando estava em casa, piscavam silenciosamente seus olhos vermelhos. Tive sonhos estranhos. Às cinco e meia, acendi a luz e me vesti.

Quando fui para o trabalho, estava escuro e havia muito pouco tráfego. O estacionamento dos fundos estava deserto, coberto por dúzias de velinhas que me faziam pensar em diversos tipos de celebração religiosa. Aquelas velas, porém, tinham sido usadas para protestar. Horas antes elas tinham sido usadas como armas. Subi e preparei um café, depois

comecei a dar uma olhada nos relatórios que Fielding deixara para mim, curiosa quanto ao conteúdo do envelope que havia encontrado no bolso traseiro de Waddell. Esperava um poema, talvez outra meditação ou uma carta de seu pastor.

Engano. O que Waddell considerava “muito confidencial” e queria que fosse enterrado com ele eram recibos de uma caixa registradora. Inexplicavelmente, quatro eram de pedágios e três eram de refeições, inclusive um jantar de frango frito feito no restaurante Shoney duas semanas antes.